



Homenagem a Antonio Candido

Milton Carlos Costa – UNESP/ Assis

Antonio Candido de Mello e Souza (1918-2017) foi certamente uma das maiores figuras intelectuais do século XX e começo do XXI no Brasil.

Além de sua bem sucedida carreira como professor de literatura no país (Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade de São Paulo), onde também deu aulas de Sociologia, e no exterior (Sorbonne e Yale), realizou uma obra muito significativa – densa, límpida, original – nos setores da crítica, história e teoria literárias, além de uma brilhante e profunda incursão na seara sociológica, como o revelam obras-primas como *Formação da literatura brasileira (momentos decisivos)*, seu trabalho maior, *O método crítico de Sílvio Romero, Literatura e Sociedade (Estudos de teoria e história literária)*, *Tese e antítese*, outros livros de ensaios literários, além da tese de Sociologia, *Os parceiros do Rio Bonito, Estudo sobre o caipira paulista e a transformação de seus meios de vida*¹.

Reconhecidamente Antonio Candido operou uma renovação metodológica e interpretativa nos estudos literários brasileiros, integrando e superando a herança

¹ 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Duas Cidades, 1971.

crítica do século XIX, tal como se revela nas obras prestigiosas de Sílvio Romero e José Veríssimo. Na área de análise específica da crítica literária seus estudos, por exemplo, dedicados a Graciliano Ramos e Guimarães Rosa aparecem como conquistas definitivas no conhecimento destes autores clássicos da literatura brasileira do século XX.

Mas Antonio Candido não foi somente um grande estudioso das nossas letras e da nossa realidade social. Também marcante foi sua postura corajosa de resistência intelectual e política diante dos regimes de arbítrio, defendendo sempre posições lucidamente democráticas e também favoráveis à justiça social, preocupado com sempre esteve pela melhoria das condições de vida do sofrido povo brasileiro.²

Para homenagear o ilustre intelectual que acaba de nos deixar, optamos por apresentar brevemente o seu profundo estudo sociológico, *Os parceiros do Rio Bonito*, trabalho que pensamos possa interessar mais diretamente aos estudantes de História e o público interessado nesta disciplina.

O estudo é dedicado à análise das condições de vida da população caipira de uma área paulista, a de Bofete e sua região mais próxima, onde o autor esteve para pesquisas de campo nos anos de 1948 e 1954.

Inicialmente o autor pensava estudar a poesia popular, tal como aparece na dança com cantos chamada *Cururu*, mostrando suas relações com a sociedade que a produziu. Terminou por realizar um trabalho relativo à questão – básica – da subsistência, abordando sociologicamente os meios de viver do caipira, concluindo pela tomada de posição diante da realidade descrita.

Em termos de método, o autor procurou captar o seu objeto unindo as perspectivas sociológica, antropológica e histórica, o que contribuiu para enriquecer sua abordagem do mesmo.

Seu tema – estudado de forma qualitativa - é a localização de um eixo da sociabilidade, qual seja, o ganho dos meios de viver ao mesmo tempo como tema de sociologia e problema de natureza social.

O estudo apresenta-se dividido em três partes e uma conclusão.

A parte inicial tem como título “a vida caipira tradicional” e consta de seis capítulos.

O primeiro intitula-se “rusticidade e economia fechada”. A proposta aqui é a análise da “cultura caipira”, variedade de subcultura advinda do tronco lusitano. As condições vitais do caipira eram produto de uma economia de tipo fechado, baseada no isolacionismo do trabalho ou ocasionalmente na cooperação, ocasionando um ajustamento retrógrado à sua circunstância ambiental. A sociabilidade caipira era marcada por isolamento, a independência e alheamento em relação às mudanças de caráter social.

O capítulo 2 trata de “alimentação e recursos naturais”. A dieta do caipira paulista

2. Para uma visão de conjunto sobre a obra de Antonio Candido consultar: JACKSON, Luiz Carlos: “Antonio Candido: crítica e sociologia da literatura”. In: BOTELHO, José e SCHWARZ, Lilia (orgs.): *Um enigma chamado Brasil. 29 intérpretes e um país*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 268-281; Schwarz, Roberto. “Antonio Candido – um verbete”. *Revista USP*, 17: p. 176-179, março-maio de 1993; SCHWARZ, Roberto. “Saudação a Antonio Candido”. In: CANDIDO, Antonio & SCHWARZ, Roberto: *A homenagem na Unicamp*. Campinas, Editora da Unicamp, 1989, p. 9-23.

baseia-se no milho, no feijão, na mandioca, plantas de origem indígena. O tempero que dominou em termos absolutos foi o toucinho. O caipira nunca dispensou a aguardente extraída da cana. O complemento da sua alimentação vinha da caça, da coleta e da pesca.

O capítulo 3 estuda “os tipos de povoamento”. O objetivo deste é mostrar as condições vitais num tipo dispersivo de povoamento, indicando as formas de vida social desenvolvidas em razão do mesmo. A sociabilidade do caipira baseia-se no bairro, agrupamento de famílias unidas pelo convívio, pela ajuda mútua, as atividades de tipo lúdico-religioso e pelo sentimento de pertencimento à localidade.

O capítulo 4 estuda “as formas de solidariedade”. A sua principal manifestação é o mutirão, trabalho coletivo de auxílio mútuo, que comportava uma parte festiva, um dos itens centrais da existência do caipira em termos de cultura.

A existência lúdico-religiosa constitui elemento definidor da vida social dos vizinhos e manifesta-se basicamente no bairro.

O capítulo 5 aborda “o caipira e a sua cultura”. O típico caipira foi o formador de uma camada ampla de cultivadores inferiorizados socialmente e marcados pelo fechamento do seu universo cultural. A cultura caipira apresentava impressionante continuidade, pois ela assim como a das comunidades primitivas, não era progressiva: a mudança significa o seu desaparecimento, pois a alteração dos seus “níveis mínimos” de sobrevivência bio-social destrói as formas culturais que eles condicionam.

A segunda parte do livro intitula-se “a situação presente” e compõe-se de seis capítulos.

O capítulo 6 estuda “um município marginal”. O autor fala da marginalidade de Bofete, pois o mesmo participa do caráter caipira de Tatuí e também de certas características das áreas cafeicultoras, que Botucatu representa. O autor se pergunta sobre o comportamento cultural caipira diante dos vários fatores de perturbação: o latifúndio ligado ao comércio, a urbanização, o escravo, a presença do imigrante. Ele responde que observando em Bofete a vida tanto do parceiro rural quanto do sitiante – que por vezes estão reunidas numa pessoa só – a cultura caipira apresenta uma variável resistência dependendo das formas pelas quais a terra foi ocupada, do regime de organização do trabalho e da situação em termos legais.

O capítulo 7 trata de “população rural e parceria”. O estudioso afirma que o trabalho do campo predomina em termos absolutos, caracterizando-se tecnicamente, no passado e no presente, por seus padrões muito rotineiros e atrasados. O elemento social mais característico em Bofete é a grande massa de parceiros e pequenos proprietários, que em geral se nivelam pelo tipo de vida, de atividade e pela posse de bens econômicos. Na hierarquia social bastante pronunciada, estão misturados imigrantes e caboclos homogeneamente.

“Os trabalhos e os dias”, assim intitula-se o capítulo 8. A casa do caipira constitui o centro de um pequeno sistema habitacional, um conjunto que se pode chamar de “habitação rústica”. Boa parte do conforto individual e das atividades de tipo doméstico se passa exteriormente a ela. A vida dos parceiros do campo era e é pautada pelas atividades agrícolas de semi-subsistência. Os principais produtos cultivados são o milho, o arroz e o feijão, vindo depois a mandioca e bastante raramente, a batata inglesa. Os

homens e mulheres participam do trabalho, embora haja certa divisão deste em termos sexuais. O trabalho com o feijão e o arroz é comum, mas somente os homens fazem a malhação de ambos e operam o arado. A vida caipira aparece voltada sobre si própria, como a das plantas, já que a atividade do lavrador estimula a relação simbiótica com a natureza, fundindo-o no ciclo da atividade agrícola.

O capítulo 9 aborda “a dieta”. O cardápio do caipira consta principalmente de feijão, arroz e farinha e dos dois primeiros o feijão é o mais apreciado: estes elementos constituem a *comida*. Quanto ao resto, trata-se da mistura, que às vezes falta ou aparece em muito pequena quantidade. A aguardente, industrializada e de má qualidade é consumida ampla e generalizadamente, principalmente aos sábados.

O capítulo 10 trata da “obtenção dos alimentos”. As condições vitais do caipira tendem a uma estabilização que equivale aos níveis mais inferiores do passado recente, em relação aos quais se apresenta notoriamente como mais pobre. O homem do campo depende crescentemente tanto da vila como das cidades, para adquirir produtos manufaturados e também para a própria manipulação dos seus alimentos.

O capítulo 11 estuda o “valor nutritivo da dieta”. Esta se apresenta minguada, pobre, desequilibrada, uniforme e até monótona. Quanta à fome apresenta-se ela de forma discreta, mas além da de caráter fisiológico, aparece também a de tipo psíquico, que se apresenta na forma do constante desejo por misturas prediletas, como, em ordem decrescente: carne, pão e leite. Ela é considerada grave pelo autor, pois pode gerar insatisfações psicológicas, produtoras de permanente recalque, o qual somado a recalques diferentes explode ocasionalmente em embriaguez e turbulência.

Na terceira parte intitulada “análise da mudança” o sociólogo busca analisar a situação atual do grupo caipira em estudo, detectando uma crise geral do mesmo: nos meios de subsistir, nas maneiras de organizar-se e nas visões de mundo. Esta crise deriva das pressões do ambiente social que rodeia o caipira, que recebe o impacto do processo de urbanização.

O capítulo 12 apresenta as “relações de trabalho”. As flutuações muito intensas do mercado, no momento de desenvolvimento atual do capitalismo, desnorteiam o caipira, tanto no que se refere à produção, quanto em relação à venda e à compra, deixando o parceiro do campo sem saída.

O capítulo 13 trata de “aspectos ecológicos”. A mudança do ritmo em que o trabalho é efetuado além de fatores outros produziram sensíveis mudanças tanto no conhecimento quanto no aproveitamento dos recursos da natureza. Eles produziram desequilíbrios ecológicos alterando o relacionamento do caipira com a natureza. Ele passa de um ajustamento completo ao meio para vários ajustamentos ao mesmo tempo.

O capítulo 14 analisa “técnicas, usos e crenças”. O novo estado de coisas – desligamento em termos relativos em relação à natureza, um ritmo mais acelerado no trabalho, uma dependência maior em relação às cidades - repercutiu na esfera cultural caipira, onde se nota que práticas, técnicas e conceitos foram reelaborados. A mudança cultural mostra-se, em alguns aspectos, através da restrição, redefinição ou ampliação dos elementos necessários. É o que acontece com a carne, alimento importante, que passa a ser objeto de restrição severa, já que não houve um regular abastecimento de carne bovina para compensar a caça diminuída.

O capítulo 15 trata de “posições e relações sociais”. Há sintomas de mudança acentuada no papel e posição dos caipiras e nas suas relações recíprocas. A atual mobilidade leva frequentemente o caipira a abandonar suas formas antigas de vida, seja conduzindo-o a trabalhar na moderna agricultura, seja, principalmente, levando-o a incorporar-se ao proletariado das cidades.

O capítulo 16 trata das “representações mentais”. Afetado pelo crescimento das cidades e por problemas de tipo econômico, o caipira manifesta sinais de apreensão e inquietação. Aparece no parceiro o que o estudo chama de “saudosismo transfigurador”, uma utopia com caráter retrospectivo, manifestando-se principalmente nos indivíduos de mais idade, embora atinja também os moços e que consiste na comparação constante da situação de vida e do relacionamento humano atual com as do passado, principalmente no que se refere à sabedoria, solidariedade e abundância. O autor mostrará que o passado em todos os tópicos levará vantagem em relação ao presente.

O capítulo 17 e último intitula-se “as formas de persistência” Para o autor a situação estudada pode ser definida como o resultado de uma coexistência de elementos de transformação e de persistência. O panorama apresenta “certa alternância” de mobilidade incessante e de equilíbrio, com a predominância ora de um ora de outro.

O sociólogo apresenta suas conclusões num longo texto sobre “o caipira em face da civilização urbana”. Aqui ele propõe uma saída para resolver a difícil situação do homem caipira. Afirmar que buscou recuperar uma visão coerente da atual situação do caipira. Diz que sua tradicional cultura não permite sua incorporação à sociedade moderna em condições boas e deve ser objeto de superação se desejarmos que isto ocorra. Para o autor:

O caipira é condenado à urbanização, e todo o esforço de uma política rural baseada cientificamente (...) deve ser justamente o de urbanizá-lo, o que, note-se bem, é diferente de trazê-lo para a cidade. No estado atual, a migração rumo a esta é uma fuga do pior para o menos mau, e não poderá ser racionalmente orientada se não partir do pressuposto de que conquistas fundamentais da técnica, da higiene, da divulgação intelectual e artística devem convergir para criar novos mínimos vitais e sociais, diferentes dos que analisamos neste trabalho.³

Considerações finais

Com se pode observar pela breve apresentação de alguns aspectos fundamentais deste magnífico livro, estamos diante de uma das maiores realizações da sociologia brasileira, ombreando-se com os grandes trabalhos, por exemplo, de Florestan Fernandes e Octávio Ianni, todos eles empenhados em vale-ser do instrumental das ciências sociais para uma decifração crítica do Brasil, implicando também em reformas que corrijam nossas gritantes desigualdades sociais.

No caso deste livro, tal propósito foi realizado superiormente e ele deve servir também de inspiração para o trabalho dos estudantes e estudiosos da nossa história.

3. A respeito do livro que comentamos consultar JACKSON, Luiz Carlos. *A tradição esquecida: Os parceiros do Rio Bonito e a sociologia de Antonio Candido*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002; LOHN, Reinaldo Lindolfo. Antonio Candido e os parceiros: para além do dualismo. *Esboços. Dossiê Intérpretes do Brasil*, 15: 25-44. Florianópolis, 2006.